

**PROFESSOR E AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS**

**LESSONS AND TEACHER OF PHYSICAL EDUCATION:
REPRESENTATIONS OF STUDENTS**

Morgana Claudia da Silva

Ilson de Souza

Anísio Calciolari Júnior

Alissianny Haman Fogagnoli

morgfoz@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa buscou identificar as representações instituídas nos imaginários dos alunos de 8ª. série na Escola Marechal Rondon do município de Campo Mourão-PR sobre as aulas e professores de Educação Física. Pois, entendemos que de acordo com os significados que a Educação Física possui na visão dos alunos, é possível introduzir modificações que venham melhorar o ensino ou até mesmo introduzir novos conceitos que colaborem para que as pessoas tenham um melhor entendimento sobre questões relacionadas com o fazer Pedagógico da Educação Física.

Palavras chave: Representação social, Professor, aula de educação física.

ABSTRACT: This study aimed to identify the representations imposed on the students' imaginary 8th. year at Hogwarts School Marechal Rondon city of Campo Mourão-PR about the classes and physical education teachers. We found a fragmented vision of the professional physical education, where his primary role is to be a referee - judge for the organization and development classes, these classes and enjoy the playfulness of character, with no weight on the importance of knowledge of the discipline, and a clear difference between the role of a woman and man in the practice of school. Well, we understand that according to the meanings that physical education has on students' views, you can make changes that will improve education or even introduce new concepts that work for the people to have a better understanding of issues related to Pedagogical Physical Education.

Words key: Social representation, Teacher, physical education class.

Introdução

Quando pensamos na área da Educação Física, e em especial a Educação Física escolar, se faz necessário lembrarmos de seu desenvolvimento enquanto uma área de ensino. Há quase trinta anos a área da Educação Física iniciou um processo de reflexões com intenção de garantir maior legitimidade pedagógica. Hoje esse movimento repercute no contexto escolar, instituindo uma nova representação sobre Educação Física como área do conhecimento, pois ancoramos sua importância na formação integral dos sujeitos, abrangendo dimensões motoras, cognitivas, afetivas e sociais.

Até meados dos anos 80 a Educação Física na escola era vista somente como uma “atividade¹”, sendo considerada uma área de atuação essencialmente prática, sem fundamentação teórica. Os cursos de graduação existentes se limitavam a reproduzir técnicas de movimento quase sempre esportivas, esquecendo que tinha como foco de seu trabalho o sujeito em sua totalidade. Por ser uma disciplina baseada necessariamente na ação “técnica” não se pensava no homem a partir de sua integralidade, mas apontava a ações que determinavam a valoração no campo do desempenho técnico e físico da criança ou adolescente, trazendo a tona a tão conhecida tendência tecnicista.

Neste sentido, podemos dizer que no campo da Educação Física, até o início dos anos 80, encontrava uma representação social baseada na racionalidade técnica/instrumental, onde o gesto técnico, a ação motora era o foco de seu ensino, voltando-se somente para o produto e não um processo de ensino-aprendizagem que tinha o aluno /ator social como centro.

Mudanças significativas começam a aparecer por volta de 1987 com a aprovação da Resolução 03/87 pelo MEC², apontando para um marco histórico na área. Pois, a partir deste momento o curso para a formação de professores de Educação Física passa a ter duração de quatro anos e inicia-se uma discussão relevante sobre o papel da Educação Física, sendo visível

¹ Atividade posta aqui como essencialmente prática, baseada na dicotomia corpo e mente. Neste sentido, não seria possível pensar uma prática pedagógica voltada para a totalidade do homem.

² Ministério da Educação e Cultura.

principalmente nas produções literárias da época, pois até então os livros tratavam meramente de reproduzir regras e técnicas esportivas.

No trilhar evolutivo de seu processo histórico, a área passa a ter suporte teórico de referenciais oriundos de várias áreas do conhecimento, principalmente das Ciências Humanas. O mergulho mais radical neste universo de conhecimento e compreensão de mundo possibilitou ricas reflexões e discussões sobre o papel da Educação Física na escola como uma área de conhecimento que agora se via ancorada no campo cultural e produtora de cultura. Porém, este desenvolvimento acadêmico de certa forma acelerado da Educação Física escolar no Brasil teve como decorrência o distanciamento entre a produção teórica e os profissionais atuantes nas muitas escolas espalhadas pelo país, levando então a aumentar o abismo entre o conhecimento cientificamente produzido e o cotidiano da práxis pedagógica.

A escola, como instituição estritamente ligada aos avanços ocorridos no tecido social exige que os campos do saber que permeiam este lugar formal de educação acompanhem também este processo evolutivo, buscando dar conta das novas exigências que o contexto educacional e social propõe. Mesmo assim, ainda percebemos mesmo nos dias de hoje, após um avanço muito grande na área, seja no campo científico da produção de conhecimento, seja no campo da intervenção profissional, que as aulas de Educação Física ainda são práticas pedagógicas materializadas a partir de uma representação social que remete ao tecnicismo e mesmice das práticas e atividades desenvolvidas durante um período onde as reflexões sobre seu papel dentro do processo educacional eram estéreis. O que nos leva a refletir é: de que maneira estes programas de disciplina e planejamentos didático-pedagógicos são pensados e elaborados pelos professores que estão atuando diretamente nas escolas?

Ao se elaborar o planejamento pedagógico, cabe ao professor distribuir os conteúdos a partir de atividades fundamentadas nos aspectos culturais, na natureza do brincar e do lúdico como descoberta da corporeidade, na discussão deste corpo inserido na sociedade contemporânea, e não num modelo reprodutor de movimentos técnicos esportivos. Para Darido e Rangel (2005) a Educação Física deve ser “ensinada” como uma disciplina que ofereça subsídios para que o aluno possua ao final do processo autonomia, esta que

deverá ser o passaporte de sua cidadania onde este deveria ser preparado para compreender o mundo ao qual está inserido. A Escola, enquanto Instituição é responsável pelo saber; saber este que deve ser sistematizado, transmitido, apreendido, compreendido e transformado democraticamente, porém tem provocado, entre aqueles responsáveis pela mudança, dúvidas e conflitos, diante de como agir com os alunos numa sociedade em que exclusão é um fator preocupante.

Segundo Lima e Dinis (2007, p.30) “no meio escolar, os alunos podem ser até mesmo punidos por assumir um comportamento que o professor venha julgar inadequado como modelo para aquele determinado sexo”. Deste modo, a escola como reprodutora de uma sociedade, acaba por transformar a natureza do corpo em significados sociais gerando as relações de hierarquia de gênero, relação estas fundamentadas nas diferenças entre o masculino e o feminino construídas historicamente.

Aquino (2001) aponta que as experiências corporais devem, assim, tomar a diversidade cultural, ética, física e de gênero como elemento enriquecedor das relações escolares e da vida social que se quer democrática. Desta forma, corroboramos com Hurtado citado por Ribeiro (2006, p.232) que o papel do professor de Educação Física possui “função catalisadora de crítica e de formação de idéias e valores mais conscientes dos alunos”, sendo sua função primordial participar e estimular ativamente o processo de crescimento e de desenvolvimento social e pessoal de seus alunos.

Partindo destes pressupostos e refletindo sobre o campo escolar procuramos identificar as representações instituídas nos imaginários dos alunos de 8^a. série na Escola Marechal Rondon do município de Campo Mourão-PR sobre as aulas e professores de Educação Física.

Percurso metodológico

Tendo como base o cenário desenhado através de nossas vivências e apontamentos literários procuramos traçar nosso trilhar metodológico a partir das representações dos escolares sobre o professor de Educação Física,

buscando fazer emergir nos discursos dos alunos como percebem as aulas de Educação Física e o seu professor.

Faz-se necessário apontarmos o porquê de nossa opção pelas representações sociais. Moscovici (1978, p.48) define representação social como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação”. Este conceito defendido por Moscovici foi inspirado nas considerações de Durkheim (1947) que pensava nas representações sempre no coletivo. Ao olhar de Moscovici (1978) as representações sociais coletivas originam-se do meio, das situações e idéias oriundas das ciências, na ideologia, no mito e demais áreas afins, as mesmas se apresentam no indivíduo como reflexos expressos no ser, essas representações permitem aos seres conhecer, classificar e organizar o mundo a partir da organização dos seus pensamentos, ou seja, para Durkheim a vida social seria condição de todo o pensamento organizado.

As representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura. Então este fenômeno das representações sociais está ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade. Pode ser visto na maneira como a vida coletiva se adaptou a condições descentradas de legitimação.

Em nossa sociedade, de um modo geral, existem representações sociais a respeito da Educação Física Escolar identificando-a como uma disciplina responsável apenas pela prática de treinamento desportivo e pela prática recreativa e/ou de lazer, sem qualquer preocupação em relacionar-se com a realidade social mais ampla, da qual a própria escola faz parte, segundo Duveen (1994).

O poder legal, representado por leis e decretos é que confere à Educação Física o “Status” de disciplina “obrigatória” do currículo escolar da Educação Básica, permitindo que sua ação pedagógica se exerça com autoridade. Moscovici (2003, p.46) aponta que as representações sociais “devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”.

Sawai citado por Barbosa (2001, p.70) revela a necessidade de se partir das relações sociais para compreender como e por que os homens agem e

pensam de determinada maneira. As relações sociais merecem atenção pelas contribuições que traz ao entendimento da formação e consolidação de conceitos socialmente veiculados e mantidos por professores de Educação Física.

Atento à abordagem de Gramsci (1985, p. 45);

(...) que cada grupo social dominante cria para si uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, percebe-se que o professor de Educação Física, profissional com um conjunto de conhecimentos forjados por determinado grupo social, tem como todos os outros profissionais (intelectuais) que se formam numa instituição escolar, um papel essencial na conservação do “bloco histórico” burguês, vendo bloco histórico como (um grupo social que consegue sua hegemonia sobre os demais, criando um consenso ao redor de seu projeto de sociedade e de concepção de mundo).

Nas representações sociais referentes à Educação Física Escolar, veiculam valores que interpretam e constroem a realidade social de acordo com os interesses da classe hegemônica. Então, quando o professor de Educação Física acredita que faz o que faz, e pensa o que pensa, porque é um indivíduo livre, autônomo e com poder para mudar o curso das coisas, como e quando quer, desconhece que também é condicionado pelo assujeitamento presente nos fatores histórico-sociais concretos. Para Bracht (2005, p.58);

(...) muitos pedagogos da Educação Física/Esporte têm realçado a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, contribuição essa que vem justificar a inclusão da Educação Física nos currículos escolares. Isto vem indicar que a criança por meio do esporte, aprende que entre ela e o mundo existem “os outros” e que para a convivência social é preciso obedecer regras, ter determinado comportamento; aprendem a conviver com vitórias e derrotas, a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem por meio do esporte a independência e a confiança em si mesmo, o sentido de responsabilidade.

Sendo assim, optamos pela pesquisa qualitativa de caráter descritivo, sendo uma pesquisa de campo com natureza etnográfica, onde utilizamos como método a Análise do Discurso. Segundo Gil (2006, p.42) uma pesquisa descritiva “costuma ser direcionada, ao longo do seu desenvolvimento, além disso, não busca enumerar ou medir eventos e geralmente não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo

e parte de uma perspectiva de diferentes significados no campo das ciências sociais”.

Partimos inicialmente em busca de autorização junto a Direção da escola através de ofício para execução do projeto. Após a autorização pela Direção, buscamos realizar o teste piloto do instrumento de pesquisa com o objetivo de buscar validar a natureza do instrumento. Para tal, três alunos foram escolhidos de forma aleatória para realizar as entrevistas e viabilizar a relação de diálogo aberta entre os pesquisadores e atores sociais. Para Votre (1983, p.63) o teste piloto é “a oportunidade de testar o trabalho como um todo, inclusive à habilidade do entrevistador”. O autor considera a fase do teste piloto, como fundamental para o êxito da pesquisa.

Como instrumento central de nosso trabalho, as entrevistas foram realizadas nas dependências da própria escola, local conhecido e então natural para os alunos. No decorrer das entrevistas procuramos ter o cuidado de deixar os alunos à vontade. Fizemos uso também de um caderno de campo para anotações quando terminavam as entrevistas para anotar percepções, atitudes dos alunos que foram mais características durante a entrevista.

O processo de entrevistas iniciou após ter sido feito o convite aos alunos das 8ª. séries em todas as salas do colégio, sendo explicado o objetivo da pesquisa e averiguamos quem gostaria de participar. Foram para a segunda fase aqueles alunos que se dispuseram a participar. Posteriormente, convidamos seus pais ou responsáveis para uma conversa informal para explicarmos o objetivo da pesquisa e após autorização por escrito dos pais/e ou responsáveis coletamos as assinaturas dos termos de livre consentimento. Na seqüência foram agendados com os alunos os horários para realização das entrevistas.

A técnica utilizada foi de entrevista em grupo. Neste sentido, as entrevistas ocorreram em grupos de três alunos. Ressaltamos que a divisão foi feita por eles. Utilizamos como instrumento um gravador e fita cassete, e, ao fim das entrevistas, anotávamos em nosso “diário de campo” as percepções sobre a entrevista/conversa ocorrida.

Fizemos a opção pela entrevista semi-estruturada pelo fato da mesma propiciar uma rica relevância na coleta dos discursos perante a realidade dos

alunos, pois entendemos que neste momento poderíamos estabelecer uma interação com nossos atores sociais.

Após as entrevistas, iniciamos as transcrições e análises dos discursos de maneira fidedigna, que segundo Votre (1983, p.64) a transcrição é uma “maneira de se manter fiel a fala dos atores sociais da pesquisa”, mantendo todas as características do discurso, pois, eles são produzidos na interação entre entrevistado e pesquisador, “ainda que a fidelidade ao texto do entrevistado nos impeça de editar, aprimorem ou corrigir o que ele disse”.

Nossos achados

Ao iniciarmos o nossa análise, fazendo emergir dos discursos dos atores sociais as representações instituídas em seus imaginários procuramos levar em consideração a fala de Becker citado por Devide e Votre (2000, p.58) de que “quanto maior o número de evidências com foco no estudo reunido, maior são as possibilidades do pesquisador estabelecer conclusões válidas”, e de Jodelet (1989) referente à necessidade de se utilizar da observação conjuntamente com a análise discursiva, para certificar a circulação da representação social nas práticas dos atores.

Sendo assim, focalizamos a linguagem dos atores sociais como fruto de seus conhecimentos sobre o tema, pois aqui apareceram inserções específicas das representações de um conjunto de relações sociais organizada^{12s} através dos processos simbólicos de suas próprias relações com o objeto de estudo. Pois ao trabalharmos com as representações sociais de alunos através da análise do discurso, partimos do pressuposto que “qualquer análise de linguagem implica considerá-la como produto histórico de uma coletividade” (LANE, 1994, p.32), onde através do método de análise do discurso procuramos desvelar os sentidos das falas buscando verificar as representações que circulam nos discursos dos escolares.

Os programas de Educação Física Escolar apresentam considerável potencial para a produção de mudanças sócio-culturais, mesmo que não em curto prazo, deve merecer prioridade em qualquer processo de decisão relacionado com a elaboração de diretrizes para o setor. No contexto escolar, através de um programa de Educação Física, têm-se o envolvimento de

alunos, professores da área específica, professores de outros componentes curriculares, diretores de escolas, supervisores, enfim, toda a comunidade escolar.

Embasado na produção de Tani (1988) e PCNs (1998) podemos apontar que a Educação Física Escolar, quando estruturada com base em estudo do movimento humano, em sua cultura sócio-corporal e intelectual possibilita a preparação de um ambiente de aprendizagem e de desenvolvimento que deve favorecer aos alunos explorarem ao máximo as suas potencialidades e os fatores que o influenciam, levando-se em consideração suas características e limitações.

Para compreendermos a representação instituída neste grupo, primeiramente se fez necessário desvelar como eles “vêem” a aula de Educação Física. Neste sentido, a aula aparece como um espaço ou momento de relaxamento e divertimento, e que “neste momento” não são tão cobrados, pois em suas aulas praticam esportes e fazem ginástica: “..a gente não precisa ficar dentro da sala só aprendendo e escutando; lá a gente pode se divertir”.

Podemos identificar nesta estrutura discursiva uma representação social que remete a uma Educação Física não integrada ao processo educacional, como uma ação extra-cotidiano escolar. Podemos remeter este discurso a um campo de formação discursiva estruturada a partir de, tanto da hegemonia esportivista da prática pedagógica que se baseia em ações técnicas que não possibilitam reflexão, como na sua falta de relação com o campo educacional, pois não conseguem visualizar seu papel educacional dentro da escola.

Diante disso percebemos que a relevância das aulas de Educação Física para os atores sociais da pesquisa está ancorada no universo do prazer. Este é um campo histórico que acreditamos e defendemos que deve estar presente em todo processo de aprendizagem. Mas, a representação identificada remete a um fazer por fazer, a um caráter catártico, somente liberação das tensões e prazer.

Reconhecemos que este é um importante elemento presente nas aulas de Educação Física, mas não devemos suprimir a aprendizagem rigorosa e sistematizada; que nossos alunos, além das boas lembranças das aulas,

tenham também conhecimento importante para toda sua vida. É isso que justifica uma disciplina no contexto escolar.

Logo, dentro desta esfera posta, a figura do professor fica apagada, pois não consideram a disciplina de Educação Física como algo formador de um saber específico, não trazendo conteúdos focados para aprendizagem, muito menos estabelecem relação inter e transdisciplinar, característica potencial da Educação Física. No imaginário dos atores sociais, identificamos um sentido de que “aula séria” (aquela com conteúdo) é dada em sala de aula e que a realizada na quadra não é considerada neste mesmo campo de valor conceitual.

Outra representação identificada nos sentidos dos discursos produzidos pelos atores remete ao papel do professor. Percebemos que em seus discursos aparece uma reflexão sobre a influência do professor sobre a construção de significados e atribuição de valores. Nossos atores apontam que o papel do professor de Educação Física na escola é essencial, pois este cumpre o papel de motivar e mostrar “como se faz”, e principalmente ensinar sobre a importância do esporte e das regras: “... *ele fica lá com o apito na mão, apitando e falando se tá certo ou não. É massa, mais também ruim, a gente não aprende nada, rsss...*”(…)“Quando ela arbitra é bom ou entoa passa trabalho e nem vê a aula, a gente escolhe o que faz.”

Eles evidenciam também a atitude do professor de Educação Física em relação as suas aulas e a forma como cobra e avalia o processo. Em uma das falas nosso ator aponta: “*Ele deveria ver primeiro o que cada aluno traz, a necessidade de cada um, para ver o que precisa; porque senão, não dá.*” Outro ator complementa: “*Muitas vezes as pessoas levam com uma vergonha né; porque os professores falam pra todo mundo, olha essa daqui não conseguiu vamos tentar de novo e se a gente foge da regra por qualquer coisinha ele cobra*”.

Nossos atores apontam que o “bom professor” seria aquele que além de cobrar as regras dos alunos, também as cumprisse, permite-nos inferir que o professor deve ser o modelo, o espelho para ser seguido pelos alunos. Também está presente a idéia do professor disciplinador.

Prosseguindo na análise dos discursos observamos a conceituação de gêneros a respeito das aulas de Educação Física, o que muito nos parece, há uma medição de forças entre eles em relação aos rumos das aulas de Educação Física.

Nos discursos ficou explícito que os meninos são mais atraídos pela atividade da bola, e as meninas já preferem mais situações nas aulas onde possam interagir e que não necessitem de tanto esforço físico, deixando para segundo plano as atividades de competição. Cabe ressaltar que a divisão do espaço e de corpos entre os meninos e meninas não foi citado pelos escolares durante a entrevista, mas no silêncio de seus discursos ela aparece. No entanto ainda se averigua a divisão cultural em suas práticas corporais, que são exemplificadas nesta fala, onde uma das alunas diz que tipo de aula prefere: *“Eu gosto muito das aulas quando a professora “x” dá aula de ginástica e fala o que pode acontecer no nosso corpo e faz atividades que dá pra gente conversar e os outros não ficam olhando tanto pra gente, pra ver se faz certo ou errado”*

Na fala da aluna observa-se que sua representação está intimamente ligada ao seu corpo e exposição das habilidades como centro de sua prática, além de transparecer sua preocupação com os olhares avaliativos dos garotos ou mesmo dos professores sobre sua performance de execução.

Já em contra partida os garotos difundiram mais em suas falas as atividades de grande movimentação e em especial as ligadas às competições e culturalmente ligadas a sua sexualidade, ou o seu “conceito de coisas de homem, e coisas de mulher”, como assim evidenciado nesta fala: *“A... as meninas poderiam fazer outras atividades, mas o futsal nem tanto, porque é mais para a parte masculina os meninos levam mais jeito.”*

A prática pedagógica destes professores não é orientada para a discussão de gênero, e acabam contribuindo para esta divisão de sexo no cotidiano de suas aulas, fortalecendo padrões e estereótipos de gênero, produzindo sujeitos masculinos e femininos, formando e reforçando expectativas e modos de comportamento “próprios” de cada gênero, sendo que às meninas cabe jogar caçador, realizar atividades ligadas à dança, entre

outros, e, para os meninos permite-se atividades esportistas mais “agressivas”, que desenvolvam e/ou liberam sua suposta agressividade.

Segundo Lavrosa citado por Lima (2007), as práticas da aula de Educação Física devem ser vistas como constitutivas de formas de ser homem e mulher, ensinando os alunos a se perceberem enquanto sujeitos de si, desenvolvendo o que se chama de auto-conhecimento, auto-reflexão e, finalmente, seu autocontrole. No entender de Sabino e Luz citados por Santos et. al. (2007) tem-se o gênero como uma construção sócio-cultural, organizada ao longo das décadas por concepções desenvolvidas e aplicadas pela sociedade, baseando-se em fatores lapidados, essencialmente, pela cultura, variável entre regiões.

A Educação Física e principalmente o professor deve refletir sobre suas práticas e seu papel na formação de seus alunos e alunas, deixando de tomar postura supostamente neutra, pois isto ajuda na formação de uma consciência coletiva de que ser homem e ser mulher atende a certos padrões e regras normatizadas de conduta.

Sendo assim, fecha-se a porta para as manifestações de masculinidade e feminilidade existentes, limitando-se as experiências a práticas generificadas e estabelecidas como adequadas aos meninos ou às meninas. Limita o conteúdo da Educação Física aos esportes e fortalece a formação de sujeitos adequados a uma sociedade competitiva e preconceituosa. As diferenças existem e não devem ser ignoradas, mas também não devem ser compreendidas como fator determinante de superioridade ou o contrário.

Algumas considerações

Ao buscarmos uma reflexão mais ampla sobre os achados da pesquisa a mesma nos aponta que se deva fazer uma reflexão séria a partir dos discursos de nossos atores, pois entendemos que a escola e o professor de Educação Física devem ter uma ação mediadora, que deva aparecer de dentro para fora deste ambiente escolar, sempre dialogando com as necessidades evidenciadas a partir da cultura local, mas principalmente não deixando descaracterizar a

identidade da disciplina, pois o movimento humano e seus significados é a parte principal para formação destes alunos.

Para Guedes e Saldanha (2007), quanto mais áreas integradas no campo escolar, mais interessante ficará, para pensar juntos, construir com áreas que sejam afins, que nem se imagina que possam instrumentalizar o professor para o trabalho. O professor deveria reivindicar e se organizar também para isso. As percepções de nossos atores, claramente expostas sobre o professor e a disciplina nos dão indícios como percebem este campo. É necessário entender que a importância entre as aulas de Educação Física e as outras disciplinas está no que é ofertado aos alunos, de como é encaminhado e que ênfase e importância se dá à disciplina e à forma como será resgatado o saber elaborado, e aí aparecerá a figura deste professor comprometido com os saberes de sua disciplina, mas principalmente com a formação desse aluno em todos os campos.

Desta forma apontamos que no discurso dos escolares ficou evidente o viés do esporte como carro chefe nas aulas de Educação Física; onde fomenta uma visão tecnicista acerca do planejamento ofertado, contribuindo assim para a erradicação de oportunidades aos alunos, quando de abster-se de outros conteúdos que possibilitariam uma oportunidade tanto aos alunos quanto à própria Educação Física de serem vistos com outros olhares junto à comunidade social.

Isto caracteriza a coerência apontada por alguns estudiosos, acerca de que a Educação Física seja vista como atividade que desenvolve única e exclusivamente a aptidão física dos alunos e alunas, cuja finalidade é transformá-los em atletas de alguma modalidade esportiva. Os encaminhamentos metodológicos estão quase sempre voltados para o uso da bola, onde isto faz com que alguns alunos e alunas sintam-se excluídos das aulas.

Em torno de tais análises averiguadas propomos aos professores, uma maior análise e discussões com os alunos acerca do papel da Educação Física no contexto social. Que possam perceber que a atitude de não cumprimento de uma prática pedagógica embasada e fundamentada vem descaracterizando sua profissão. O espaço da Educação Física como uma disciplina articuladora

e de grandiosa importância, não está sendo identificada pelos educandos, colocando-a como subterfúgio, o que caracteriza sua desvalorização junto à comunidade sócio-educacional.

MORGANA CLAUDIA DA SILVA

Professora Pós-graduada da Faculdade Integrado de Campo Mourão – PR.

ILSON DE SOUZA

Professor de Educação Física e pedagogo da Rede Estadual de Ensino do Paraná.

ANÍSIO CALCIOLARI JÚNIOR

Professor Mestrando da Universidade Estadual de Londrina - PR

ALISSIANNY HAMAN FOGAGNOLI

Professora Pós-graduada da Faculdade Integrado de Campo Mourão e Uniamérica – PR.

REFERÊNCIAS

AQUINO, D. **Dança e Universidade: Desafio á vista.** Lições de Dança. Rio de Janeiro: Cortez, 2001

BARBOSA, C. L. A. **Educação Física Escolar: as representações sociais.** Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 2005

DAÓLIO, J. **Da Cultura do Corpo.** Campinas: Papyrus, 1995.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

DEVIDE, F.B. VOTRE, S.J. A Representação Social de nadadores máster: campeões sobre sua prática competitiva na natação. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte.** v.21 n.2/3. Janeiro e Maio/2000.

DUVEEN, G. **Criança enquanto atores sociais.** As representações sociais em desenvolvimento”. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURKHEIM, E. **Lês regles da La methode sociologique**. Brasil: Editora Press, 1947.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de Pesquisa**. São Paulo: 4 ed. Atlas, 2006.

GUEDES, A. P.; SALDANHA, A. V. **Professores e Alunos Aprendendo Juntos**. In: Mundo Jovem, abril/2007.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases, nº 4.024/61, 5.692/71, 9394/96.

LIMA, F. M. **Corpo e Gênero nas Práticas Escolares de Educação Física**. In: Currículo sem Fronteiras, v. 7. Jan./Jun. de 2007.

MOSCOVI, S. **A representação Social da psicanálise**. Rio de Janeiro. Zahas, 1978.

_____. Rio de Janeiro: Zahas, 2003.

RANGEL, Mary. **Representações e reflexões sobre o “bom professor”**. Petrópolis: Vozes, 1994

RIBEIRO, M.M. et al. Papel do professor de Educação Física. **Revista Científica FAMINAS – Murié – v.2, n.1, sup.1, p.232, jan-abr. 2006**.

TANI, Go et al. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

VOTRE, S. J. **Pesquisa em Educação Física**. Vitória; Universidade Federal do Espírito Santo, 1983.